

Farmácia e medicina unem-se para criar Instituto de Saúde Baseada na Evidência

12.09.2019 às 10h26



Associação privada sem fins lucrativos quer promover o conhecimento científico na área da saúde e resulta da parceria das faculdades de Farmácia e de Medicina da Universidade de Lisboa. No quadro dos investigadores associados conta com o ex-ministro da Saúde, Adalberto Campos Fernandes



ANA SOFIA SANTOS

Gerar, criar, disseminar e operacionalizar o conhecimento científico na área da saúde é o objetivo do Instituto de Saúde Baseada na Evidência (ISBE), lançado esta quinta-feira na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL) que, juntamente, com a Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa (FFUL) são os associados institucionais do novo organismo.

O ISBE é uma associação privada sem fins lucrativos que constitui “um espaço de encontro, integração e partilha da academia, de investigadores e de outros parceiros”, de acordo com a informação prestada ao Expresso. Para já, o ISBE conta com a Associação Nacional das Farmácias, a Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica e a Plataforma Saúde como parceiros, devendo vir a contar com mais organizações apoiantes.

Ana Paula Martins, docente na FFUL, é a presidente do ISBE e António Vaz Carneiro, professor catedrático na FMUL, o presidente do Conselho Científico. Ambos são associados investigadores, num grupo que integra também Adalberto Campos Fernandes, médico de formação, professor na Escola Nacional de Saúde Pública e ex-ministro da Saúde, Dennis K. Helling, diretor na Kaiser Permanente (que atua na prestação de cuidados de saúde), no Colorado (EUA), e professor na Skaggs School of Pharmacy & Pharmaceutical Sciences da Universidade do Colorado, Fausto Pinto, diretor da FMUL, e Hélder Mota Filipe, professor associado da FFUL e ex-presidente do Infarmed.

Desinformação é “um sério risco para a segurança dos cidadãos”

Para Adalberto Campos Fernandes não há falta de informação pública sobre o sector da saúde, mas os dados disponíveis pecam, muitas vezes, por não serem fidedignos.

“O problema não está na quantidade de informação pública acessível à generalidade dos cidadãos, mas sim na sua qualidade. A globalização da informação representou um enorme avanço na difusão e no acesso ao conhecimento. Atualmente, a comunidade científica vê-se confrontada com a proliferação de informação errada, sem sustentação científica que representa, em muitos, casos um sério risco para a segurança dos cidadãos”, frisa ao Expresso o ex-governante, mencionando “o caso da desinformação sobre as

A propósito do lançamento do ISBE, Campos Fernandes, refere ainda a relação estreita entre a qualidade das decisões políticas e a qualidade da informação que existe. “A qualidade da decisão e da ação política está muito dependente da evidência que a suporta. É por isso fundamental aprofundar a avaliação das políticas públicas, nos diferentes sectores, mas com particular relevância na saúde”. É que, sustenta o professor, “a maior parte das decisões políticas sectoriais tem consequências cujos efeitos se fazem sentir por muitos anos com impactos que se estendem por várias gerações” e “a decisão política suportada na evidência técnica e científica qualifica a ação política e melhora o nível dos seus resultados”.

Sobre a investigação nacional em saúde, o antigo ministro, salienta que, “nos últimos anos, Portugal evoluiu muito positivamente”. A prova disso é a “evolução registada nos principais rankings internacionais” e o ISBE “procurará estimular o desenvolvimento de projetos inovadores em áreas de grande potencial científico”.

Epidemiologia, big data, investigação de resultados de saúde e em serviços de saúde, inteligência artificial, saúde pública e políticas de saúde e avaliação de tecnologias de saúde são algumas das áreas a que se vai dedicar o ISBE – um instituto que estará assente na independência intelectual e autonomia financeira, aliadas a uma forte componente académica, com os ganhos decorrentes da associação de várias entidades e que visa ter expressão internacional.

Resumidamente, o que se pretende com esta iniciativa é desenvolver o conhecimento através de modelos colaborativos de investigação em saúde baseada na evidência para informar as políticas e práticas de saúde e transformar a prestação de cuidados à população.



Instituto de Saúde Baseado na Evidência apresentado hoje em Lisboa

Ajudar decisores políticos, médicos e doentes a fundamentar as suas escolhas com informação científica de qualidade. Esta será a principal missão do Instituto de Saúde Baseada na Evidência (ISBE), que vai ser apresentado hoje, em Lisboa.

“Cada vez mais vamos necessitar de informação científica de alta qualidade, a quatro níveis: os políticos/responsáveis têm de ter mais informação de alta qualidade para decidir sobre políticas públicas; os médicos para decidirem sobre as terapêuticas; os administradores para definirem sobre as estratégias a usar; e, claro, os próprios doentes”, avançou, em declarações à agência Lusa, um dos investigadores associados do ISBE, António Vaz Carneiro.

Atualmente à frente do Centro de Estudos de Medicina Baseada na Evidência (CEMBE), o professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL) explica que este centro “chegou ao limite do seu crescimento” e que o ISBE surge como uma necessidade de “tentar áreas mais internacionalizáveis, mais abrangentes e mais significativas para o sistema de saúde”.

Especialista em Medicina Interna, Nefrologia e Farmacologia Clínica, Vaz Carneiro diz que o sistema de saúde chegou a uma altura em que “é preciso avaliar os cuidados de saúde, o que se justifica por ser relevante e mensurável, para depois se poder organizar o sistema a vários níveis, como o acesso, a tecnologia e o custo”.

Recorrendo ao novo Instituto, explicou, tanto um político pode ter uma análise cientificamente fundamentada da aplicação de determinada medida, como um administrador hospitalar pode solicitar uma análise ao fluxo de doentes, ou um médico ter acesso à mais relevante informação científica sobre um medicamento de segunda linha.

“Não há cá opiniões. Apenas mostramos a ciência”, afirma o responsável, sublinhando: “Os sistemas modernos vão necessitar massivamente de informação. Daqui a cinco ou 10 anos ninguém vai decidir bem sem a informação necessária e institutos como este vão ocupar um espaço muito determinante”.

O ISBE pretende ser um local de “independência intelectual”, um espaço de encontro, integração e partilha da academia, com expressão internacional e autonomia financeira para poder criar, disseminar e operacionalizar conhecimento científico no setor da Saúde.

O Instituto terá três tipos de associados: os institucionais, que são a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, os associados investigadores, entre os quais se encontram o ex-ministro da Saúde Adalberto Campos Fernandes e a bastonária da Ordem dos Farmacêuticos, Ana Paula Martins, e por último os parceiros privados (Associação Nacional de Farmácias, Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica, a Plataforma Saúde em Diálogo – que representa os doentes – e a Associação Portuguesa da Hospitalização Privada).

“Com fundos privados teremos bolseiros de investigação, desde o jovem médico que se quer doutorar, vem trabalhar connosco e pagamos-lhe as propinas, ao que quer fazer investigação em *full time* e terá uma bolsa idêntica à da FCT, mensal”, explicou Vaz Carneiro.

As áreas prioritárias de investigação serão a epidemiologia e *big data* (trabalhar as grandes bases de dados), a inteligência artificial na Saúde, a saúde pública e as políticas de saúde, investigação de resultados (por exemplo, analisar as consequências do encerramento de um serviço hospitalar), avaliação de tecnologias da saúde e a translação do conhecimento.

Em declarações à agência Lusa, o ex-ministro Adalberto Campos Fernandes, que será um dos associados investigadores do ISBE, sublinhou a importância de “aproximar a ciência à realidade quotidiana” para dar confiança às pessoas.

“É fundamental gerar confiança nos cidadãos. Para tal é muito importante aproximar a ciência à realidade quotidiana dos cidadãos. O desenvolvimento humano está indissociavelmente ligado aos resultados da investigação científica e ao progresso associado à inovação. Este papel não pode estar apenas atribuído à comunidade científica”, afirmou.

Adalberto Campos Fernandes sublinhou ainda a necessidade de aproximar a ciência dos cidadãos para evitar “perder a batalha da verdade para o lado do obscurantismo oportunista e perigoso”.